

A. Vargas, Themag, rua Bela Cintra 986, 15^o, 01415 SP.

Meu caro Milton, grato por tudo. A viagem de volta correu conforme programa, o carro esteve em Viena, a neve na Austria e Suica nao strapalhou, mas era bela, a reuniao em St. Gallen, (o gesto de escrever no contexto "o corpo como fenomeno cultural") era muito instrutiva, o Viki esta o.k., e a casa como a tinhamos deixado. Esta fazendo sol e frio intenso. SPaulo continua no fundo das nossas vivencias, mas encoberto pelas experiencias mais recentes. O poder do tempo e do espaco.

As nossas duas ultimas contendas, o Timeu e tecnica alternativa, continuam girando em minha cabeca. Quanto ao Timeu, (tua "sacralidade do cosmos"), tive longa discussao em Zurique com Rouanet, (o de W. Benjamin), e com Ingold, (de St. Gallen), e escreverei oportunamente. Mas quero escrever hoje sobre o segundo assunto.

Na minha volta ontem recebi 3 cartas do CNRS Marseille, convidando-me a participar dos assises regionales de la recherche et de la technologie, sobre o tema "technologie et creation artistique", nos dias 16 e 17/11 em Luminy. A ultima carta acaba dizendo: " En vous remerciant par avance de votre apport personel a ce debat, unique en France, persuade que vous comprendrez l'importance de cet apport aux futures assises nationales et internationales, nous vous prions de considerer les aspects "alternatives" de la technologie du futur immediat". Respondi lamentando que perdi a reuniao, e mencionei o projeto, (vago), da futura Bienal das utopias. Mas quero reconsiderar, com voce, tais aspectos de alternativas. Voce mencionou os "labor-intesives", e o Miguel os pacotes individuais. Mas ha outras alternativas. Assumamos duas hipoteses de trabalho: (1) a primeira revolucao industrial esta se esgotando, (esgotamento das "fontes", poluicao, excesso de produtos, problemas com reciclagem, desinteresse em consumo acrescido de objetos). (2) a segunda revolucao industrial, (informatica), e a terceira revolucao em estado embrionario, (genetica), vai reformular a sociedade segundo linhas apenas imaginaveis. O problema e: cairemos inconcientes nas revolucoes que se preparam, como o fez a humanidade do seculo 18, ou somos capazes de elaborar modelos alternativos? A "revolucao cultural" chinesa falhou, porque na China consideracoes economicas se revelaram mais importantes que as sociais. Mas nao sera precisamente o resultado da primeira revolucao industrial a inversao do economico e do social, de modo que o social passa a ser a "infra-estrutura", primeiro no mundo desenvolvido, e depois no globo inteiro? De modo que o que interessa para a reflexao atual nao e mais tanto o "custo objetivo", mas o "custo intersubjetivo"? Nao mais o consumidor, mas o produtor? Nao mais a miseria fisica, (fome, doenca do corpo), mas a miseria existencial, (infelicidade, doenca da mente)? As "alternativas" nao deveriam ter essa miseria por desafio? Sei que a miseria fisica predomina na grande massa da humanidade. Mas nao sera, precisamente do ponto de vista S. Paulo, o verdadeiro problema atual o que acontece quando a massa vai ser "absorvida" pela primeira revolucao industrial, (os favelados que vao morar nas cidades Adhemar), e quando tal massa vai cair na alienacao clinica, (coisa que os psicanalistas me afirmaram, e que a mulher do Rouanet esta estudando em Mogy das Cruzes)? Vale trocar o settao por Franco da Rocha? E isto na estaria acontecendo na Africa, na India, no Mexico, mais violentamente que na Europa e nos EEUU? Nao estaria o social se sobrepondo ao economico no Terceiro mundo mais violentamente que no Primeiro, malgrado a fome? Responda. Abracos a M. Helena, tambem por parte da Edith. Saudades.